

NARRATIVA SOCIAL NA ÁREA DA SAÚDE: A PRODUÇÃO DISCURSIVA EM TEXTOS MÉDICOS

Recebido em: 27/06/2023

Aceito em: 27/07/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i7.2023-053

Pablo de Oliveira Lopes ¹

RESUMO: O presente trabalho, um artigo de caráter bibliográfico e documental, discute como se constrói a narrativa do médico e comunicador Drauzio Varella em texto publicado no *site* homônimo, avaliando de que maneira sua produção discursiva leva ao público não especializado em saúde informações acerca de enfermidades como a Covid-19. Discute-se também como o médico infectologista e pesquisador Rico Vasconcelos trata o tema HIV/AIDS em outro texto. A saúde coletiva nos servirá de campo de análise, pois discutiremos se as publicações foram elaboradas com base em um modelo biomédico hegemônico, conferindo visão monolítica aos temas aos quais dá destaque, ou se é possível extrair dos escritos um viés interdisciplinar, que permite ao leitor compreender questões relacionadas ao processo saúde-doença indo além dos limites definidos pela medicina, *sensu stricto*. Avaliaremos também os aspectos concernentes à linguagem usada, já que se trata de textos em versão *on-line*, e os meios digitais têm transformado modos de leitura e escrita por intermédio do chamado hipertexto. O artigo lançará mão de elementos que promoverão a articulação entre duas diferentes áreas do conhecimento: a medicina (integrante da área da saúde) e a comunicação (representada pela divulgação científica em saúde).

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Processo Saúde-Doença; Saúde Coletiva; Hipertexto.

SOCIAL NARRATIVE IN THE AREA OF HEALTH: DISCURSIVE PRODUCTION IN MEDICAL TEXTS

ABSTRACT: The present paper, a bibliographical and documentary article, discusses how the narrative of physician and communicator Drauzio Varella is constructed in a text published on the eponymous website, evaluating how his discursive production leads to non-specialized public health information about diseases such as COVID-19. It is also discussed how the infectologist doctor and researcher Rico Vasconcelos deals with the subject of HIV/AIDS in another text. Collective health will serve as a field of analysis, since we will discuss if the publications were prepared on the basis of a hegemonic biomedical model, giving a monolithic vision to the themes to which it gives prominence, or if it is possible to extract from the writings an interdisciplinary bias, which allows the reader to understand questions related to the health-disease process going beyond the limits defined by medicine, *sensu stricto*. We will also evaluate the aspects related to the language used, since we are dealing with texts in an *on-line* version, and the digital media have transformed modes of reading and writing through the so-called hypertext. The article will make use of elements that will promote the linkage between two different areas of knowledge: medicine (an integral part of the health area) and communication (represented by scientific diffusion in health).

¹ Doutor em Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do ABC (UFABC). Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. E-mail: lopespo33@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6779-2263>

KEYWORDS: Narrative; Health-Sickness Process; Collective Health; Hypertext.

NARRATIVA SOCIAL EN EL ÁMBITO DE LA SALUD: PRODUCCIÓN DISCURSIVA EN TEXTOS MÉDICOS

RESUMEN: Este trabajo, un artículo de naturaleza bibliográfica y documental, discute cómo se construye la narrativa del médico y comunicador Drauzio Varella en un texto publicado en el sitio web homónimo, evaluando cómo su producción discursiva lleva al público no especializado en información sanitaria sobre enfermedades como Covid-19. También se discute cómo el médico infectólogo e investigador Rico Vasconcelos aborda el tema del VIH/SIDA en otro texto. La salud colectiva servirá como campo de análisis, ya que discutiremos si las publicaciones fueron preparadas sobre la base de un modelo hegemónico biomédico, confiriendo visión monolítica a los temas a los que se destaca, o si es posible extraer de los escritos un sesgo interdisciplinario, que permita al lector entender temas relacionados con el proceso de enfermedad que van más allá de los límites definidos por la medicina, *sensu stricto*. También evaluaremos los aspectos relativos al lenguaje utilizado, ya que son textos en versión *on-line*, y los medios digitales han transformado los modos de lectura y escritura a través del llamado hipertexto. El artículo recurrirá a elementos que promoverán la vinculación entre dos áreas diferentes de conocimiento: la medicina (un miembro del área de salud) y la comunicación (representada por la divulgación científica en salud).

PALABRAS CLAVE: Narrativa; Proceso Salud-Enfermedades; Salud Colectiva; Hipertexto.

1. INTRODUÇÃO

A divulgação científica é uma forma de comunicar e popularizar feitos da ciência, usando recursos e processos de informação científica e tecnológica para instruir o público em geral. Para Pires *et al* (2022), a comunicação científica entre pares de uma mesma instituição acadêmica é usual, mas apresentar a linguagem científica aos diferentes públicos, por meio de um movimento de divulgação científica, é o que contribui para aproximar as pessoas de assuntos concernentes ao seu cotidiano.

Diante do destacado desenvolvimento dos campos científico e tecnológico, e considerando a presença deles no dia a dia da vida em sociedade, a comunicação pública da ciência ganhou força na contemporaneidade, não só pela importância na formação dos cidadãos, mas também por uma necessidade da própria ciência, que precisa se fazer conhecer e compreender, segundo Vogt *et al*. (2006).

Tendo em vista o impacto sobre a vida dos indivíduos, ainda que os efeitos sejam desiguais, a depender de quesitos como a renda e a classe social, questões relacionadas à saúde têm sido cada vez mais divulgadas por veículos de comunicação, ocupando espaço em revistas, jornais e programas de televisão. Para Almeida (2006), na relação entre saúde

e imprensa está uma complexa interação entre o conhecimento científico, a difusão de informações, a elaboração ideológica de valores e a legitimação social de comportamentos. Pelo que aqui se expôs até o momento, entendemos os motivos pelos quais teóricos da comunicação alegam que a difusão de informações sobre saúde para o público leigo requer que elas passem por uma espécie de decodificação do discurso especializado, com o emprego de recursos como analogias, metáforas, infográficos e ilustrações, que podem comprometer a precisão e a qualidade do conteúdo divulgado. Seria uma forma de deixar transparente o discurso, retirando, por consequência, a opacidade de certas informações. É sobre isso que escreve Wilson da Costa Bueno:

O jornalista ou o divulgador, com raras exceções, não está capacitado para o processo de decodificação ou recodificação do discurso especializado e o processo de produção jornalística pode (o que acontece de maneira recorrente) privilegiar a espetacularização da notícia, buscando mais a ampliação da audiência do que a precisão ou a completude da informação. Além disto, a não ser em situações específicas, como no caso de portais ou blogs dedicados à divulgação científica, a interação entre produtores de informações e audiência não ocorre, reduzindo-se o processo a uma mera transmissão de informações (2010, p. 4).

A decodificação do discurso especializado pode levar às desavenças entre fontes e jornalistas, porque eles fazem parte de culturas profissionais que enxergam a ciência de maneira distinta. É uma das arestas da relação conflituosa entre jornalistas e cientistas. Estes fazem ressalvas ao esforço de popularização da ciência que tenha bases sensacionalistas e são, obviamente, contrários a modificações textuais que comprometam suas declarações à imprensa. Talvez a isso se possa atribuir o fato de a publicação de conteúdo científico em blogs, colunas autorais e *sites* ter despertado o interesse de cientistas e pesquisadores. Nesses espaços, cientistas podem, por conta própria, a partir de seus investimentos, e usando a linguagem que acharem cabível, promover a difusão de conhecimento científico.

No Brasil, algumas iniciativas de divulgação científica estão ou já estiveram presentes na internet, conforme pondera Porto (2012): é o caso da revista eletrônica Com Ciência, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (<http://www.comciencia.br/comciencia/>), dos *sites* de revistas como Ciência Hoje (<http://cienciahoje.uol.com.br/>) e da editoria *on-line* de ciência do jornal Folha de S. Paulo (<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/>). *Sites*, colunas e blogs representam, em parte, a disseminação e a divulgação da ciência 'independente' (autopublicação) e muitos apostam

nessa categoria como forma de se alcançar uma ciência cada vez mais aberta, participativa e inclusiva. Será mesmo?

Segundo Silveira e Sandrini (2014), a palavra *weblog* foi usada pela primeira vez, em 1997, por Jorn Barger, e uma das primeiras apropriações do blog foi o uso pessoal, como um diário. Os autores discutem ainda diversas maneiras de se classificar um blog. Destacamos, aqui, a classificação de Recuero (2003), definida pela autora durante uma pesquisa de campo: diários eletrônicos que são atualizados com pensamentos, fatos e acontecimentos da vida pessoal de quem escreve, não tendo o objetivo de apresentar informações ou notícias; publicações eletrônicas que se destinam à veiculação de informação; e publicações mistas, que mesclam *posts* pessoais e *posts* informativos.

Para Dalmaso e Mielniczuk (2012), os meios digitais têm revolucionado modos de leitura e escrita. As autoras abordam o conceito de hipertexto e detalham sua participação na estrutura do processo de escrita digital, que influencia a produção de *sites* e blogs que divulgam informações jornalísticas e científicas. O hipertexto conecta vários textos por intermédio de (hiper)*links*, elementos fundamentais, que conferem à escrita um caráter de continuidade, além de exercerem diversas funções narrativas, como as de complementação e detalhamento da informação na *web*. Os blogs são exemplos de espaços dinâmicos, que incorporam as características da linguagem digital, como os *links*, ampliando a rede de informação das mensagens. Ainda de acordo com as autoras, nos blogs, processos ditos multilineares, conectivos, associativos e intertextuais aparecem nos posts que possuem *links* para outras páginas. A cada *link* que o blogueiro indica e que o internauta acessa, novas conexões são realizadas na trama hipertextual, ampliando a rede de informações e de significações do texto, possibilitando a construção de narrativas mais ricas e amplas, com mais recursos informativos. Consideramos que o mesmo ocorre com *sites* e colunas. Dalmaso e Mielniczuk (2012) tratam das funções textuais dos *links* e abordam diversas classificações nas quais eles são inseridos. Sobre a organização dos *links* nas páginas, afirmam que eles podem ser embutidos, quando estão no corpo do texto, ou paralelos, quando circundam o texto principal.

Mielniczuk (2003) propõe uma tipologia para *links* e os divide em intratextuais ou internos, que conectam conteúdos dentro do *site*; e intertextuais ou externos, que realizam conexão com conteúdos externos à página acessada. A autora também classifica o *link* no que diz respeito aos conteúdos referenciados: *links* de serviços, que sinalizam para os serviços oferecidos pelo *site*, como chats de discussão; *link* publicitário, que conduz a

sites de empresas anunciantes, por exemplo; e *link* editorial, que organiza o *site*, atuando como indicador de editorias ou integrando a narrativa dos fatos. Quando narrativo, o *link* pode, por exemplo, exercer a função de detalhamento, apresentando pormenores de um acontecimento ou atuando como complemento, adicionando dados sobre um fato.

O *site* Drauzio Varella, por vezes denominado também de portal, leva o nome do médico cancerologista e comunicador Drauzio Varella, e é uma publicação eletrônica de grande importância, albergado no UOL (Universo *On-line*), que conta com a notoriedade alcançada pelo oncologista, e com sua expertise em divulgar assuntos relacionados à saúde, algo que se observa não só na internet, mas também na televisão.

A coluna do médico Ricardo Vasconcelos aproxima-se do que é um blog, pois trata-se de publicação eletrônica que conta com referências pessoais em vários momentos. O infectologista é um importante nome da pesquisa científica na área da saúde, sendo apontado como um dos grandes especialistas na Profilaxia Pré-exposição de Risco (PrEP) à Infecção pelo HIV no Brasil. Vasconcelos escreve não só sobre a PrEP, mas também sobre outros assuntos ligados à temática da AIDS, e sua coluna, criada em 23/03/2018, contava com 248 textos até 09/06/2023. Portanto, em pouco mais de 05 anos de publicação, a coluna mantém uma média de 4 textos postados a cada mês. A partir de 05/02/2021, os escritos de Rico Vasconcelos passaram a ser classificados em categorias: 'reportagem', 'opinião' e 'análise'. Desde então, 104 publicações foram feitas: são 92 textos opinativos (88,46%), 10 de análise (09,62%) e 02 reportagens (1,92%).

O presente trabalho discute como se constroem as narrativas dos dois profissionais da saúde já mencionados, o cancerologista e o infectologista, e tenta entender de que maneira tais produções discursivas levam ao público não especializado em saúde informações acerca de assuntos como, por exemplo, a Covid-19 e o binômio HIV/AIDS, tomando como base dois dos vários textos publicados por eles. A saúde coletiva, enquanto área de estudo e pesquisa, servirá de campo de análise: averiguar-se-á se os textos foram elaborados com base apenas em um já conhecido modelo biomédico, conferindo visão tradicional aos temas aos quais dá destaque, ou se é possível verificar um viés interdisciplinar, que permite ao leitor compreender questões relacionadas ao processo saúde-doença usando parâmetros que não sejam somente os estipulados pela medicina. Desejamos discutir qual a linguagem usada nos artigos intitulados 'Ucrânia, tuberculose, HIV, Covid' e 'A Herança' mostra de forma linda que saúde dos homens gays vai além do HIV', verificando se os textos vão além do caráter pedagógico que as publicações

médicas podem assumir, e investigando a existência ou não de um perfil crítico-informativo. Em tempos de negacionismo científico, a intenção é mostrar como profissionais ligados à comunicação na área da saúde podem contribuir para a discussão de temas relacionados à ciência.

O artigo se posiciona justamente na interface entre comunicação e saúde, já que aborda a divulgação científica em saúde, tão significativa para a popularização do conhecimento, por meio do contato com o público não especializado, visando à construção do pensamento crítico. As contribuições teóricas do trabalho passam justamente pelo diálogo entre as disciplinas saúde coletiva e comunicação social. E do ponto de vista prático, conseguimos entender melhor como se pode conectar o conhecimento gerado na academia ao dia a dia das pessoas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Segundo Cunha (2006), no Brasil, a popularização da ciência vem aumentando nos últimos anos e vinha sendo feita principalmente pelas revistas e jornais. Observa-se isso pelo número de publicações em jornais brasileiros, como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil e O Globo. Conforme a autora, em um período de dois anos (1996 a 1998), foram publicadas 4.636 matérias com o tema 'ciência', sendo que 14% (646 matérias) delas tiveram como fonte as revistas científicas e as universidades. Silveira e Sandrini ratificam que o interesse pela ciência tem crescido:

Mas devido ao grande desenvolvimento que os campos científico e tecnológico tiveram nas últimas décadas, à importância que adquiriam no cotidiano das pessoas, e à necessidade que esses âmbitos sentiram em se comunicar com diferentes grupos sociais, o setor de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) tem ganhado enorme visibilidade pública no último século. Houve um incremento na gama de produtos, canais, ações e processos destinados à veiculação de informações sobre essas áreas (2014, p. 113).

Divulgar fatos relacionados à ciência implica decifrar o discurso dos especialistas para o público leigo, como já foi dito aqui. A partir de tal pressuposto, Graça Caldas questiona se o que se pretende, de verdade, é promover a formação crítica do conhecimento por meio da divulgação científica:

Apesar do discurso recente de popularização do conhecimento, o que se pretende, de fato? Promover a alfabetização científica em temas específicos, em diferentes campos do saber, conceder um “verniz ao saber”, ou possibilitar uma formação crítica do conhecimento, suas implicações e riscos, para que este conhecimento possa ser discutido, avaliado e / ou contestado? Se o

objetivo da divulgação científica for a mera reprodução do saber sem interlocução crítica e analítica, como é possível educar a sociedade para que, de fato, compreenda os mecanismos da produção científica para uma escolha consciente? (2010, p. 33).

Kucinski (2002) declara ainda que tem ocorrido uma queda significativa na qualidade do material produzido pelos jornalistas, o que atribui à falta de conhecimento dos profissionais. Isso explica, pelo menos em parte, a incapacidade de alguns jornalistas de levar ao público informação suficiente para que se desenvolva a consciência crítica. De acordo com Kucinski, o jornalismo de hoje não trabalha com o conhecimento; os jornalistas não dão valor ao que de mais importante a profissão oferece: a oportunidade de aprender, escrevendo sobre assuntos diferentes a cada matéria feita.

Apesar do interesse pela ciência, assistimos ao fechamento de jornais, ao fim da publicação de revistas e à fusão de redações, com jornalistas trabalhando para as versões *on-line* e impressa dos veículos, produzindo material para diversas plataformas e cumprindo funções variadas (redação, edição, fotografia). Assim, o que afirmou Kucinski (2002) sobre a incompetência dos jornalistas ainda está fazendo a diferença no que tange à qualidade das matérias elaboradas por eles. Silveira e Sandrini discorrem sobre o que chamam de crise no jornalismo científico:

Na última década, entretanto, o jornalismo científico tem sofrido grandes baixas em todo o mundo e especialmente nos Estados Unidos. De acordo com artigo publicado em março de 2009 pelo repórter sênior da revista científica *Nature*, Geoff Brumfiel, está havendo uma emblemática mudança na forma como a ciência é encontrada na mídia. Em parte por causa de uma crise generalizada, principalmente nas receitas dos jornais. O artigo expõe resultados de uma pesquisa feita pela *Nature* com 493 jornalistas científicos e que aponta diversos problemas com os quais os profissionais têm se deparado nos últimos anos. De acordo com os dados, muitos empregos estão sendo perdidos e as cargas de trabalho daqueles que permanecem estão aumentando. Como consequência dessa crise, seções de jornais estão sendo fechadas, cortes de pessoal estão sendo feitos, as cargas de salário estão aumentando e a cobertura da ciência sendo reduzida. O problema, segundo as empresas, é a dificuldade de rentabilizar as seções de ciência. (2014, p. 114-115).

Tais dificuldades impostas às redações e ao jornalismo científico têm aberto caminho para as publicações sobre ciência feitas na internet, por jornalistas e outros profissionais, entre os quais, cientistas, pesquisadores e outros integrantes da comunidade acadêmica. A eles é exigido preparo para publicar textos para o público leigo, para que não ocorra mera propagação de informações sem a necessária interlocução crítica a que se referiu Caldas (2010).

A construção do conhecimento baseada na formação de uma sociedade que possa,

efetivamente, participar das discussões de temas científicos que interferem no dia a dia dos cidadãos e impactam suas vidas positiva ou negativamente, envolve, obviamente, a área da saúde. E a saúde coletiva pode contribuir de maneira decisiva nesse debate, por meio de um pensamento social em saúde, que não explique o processo saúde-doença somente sob uma visão biomédica.

De acordo com Nunes (1998), historiadores da medicina e sociólogos da saúde relatam que o interesse em um pensamento social em saúde não data de um passado tão recente na história ocidental. Sua formalização, por meio da criação de cursos para produção de conhecimento, ocorreu no final do século XIX e início do século XX. Entretanto, suas bases discursivas podem ser vistas desde o século XVII. Segundo o autor, só em 1848 a expressão 'medicina social' seria registrada. Ela surgiu, na França, em meio a uma luta por mudanças políticas e sociais, e defendia o monopólio médico sobre o saber e a prática médica. Aliás, esse tem sido, na visão de Campos (2000) e também na nossa, um procedimento comum na medicina – o de desautorizar e desvalorizar todo saber e toda prática sobre saúde produzidos fora de sua própria racionalidade.

Ao contrário da saúde pública, responsável pelo combate às endemias e epidemias, reconstruindo o espaço urbano com base na supremacia do sanitarismo sobre a esfera social, a saúde coletiva surgiu com espírito crítico, questionando, segundo Birman (2005), o projeto médico-naturalista, estabelecido historicamente com o advento da sociedade industrial. A saúde coletiva logra mostrar que o campo da saúde vai além da interpretação dada pela medicina, mostrando-se, por consequência, mais complexo e extenso.

No Brasil, a discussão sobre a criação de uma área denominada saúde coletiva, ocorreu, de acordo com Nunes (1994), no fim da década de 1970: em 1978, no I Encontro Nacional de Pós-graduação em Saúde Coletiva, realizado em Salvador, e, na Reunião Sub-regional de Saúde Pública da Organização Panamericana da Saúde/*Asociación Latinoamericana de Escuelas de Salud Pública*, sediada em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, e, em dezembro de 1979, quando é criada a Associação Brasileira de Saúde Coletiva, a ABRASCO. Tais eventos aconteceram num período em que os países da América Latina enfrentavam inflação alta, economia em recessão, desemprego e déficit fiscal. Fatores que influenciavam, negativamente, nos níveis de saúde. Era preciso, portanto, enfrentar os problemas sanitários, em um momento em que, conforme Nunes

(1994), sentia-se o esgotamento de uma determinada orientação, a da saúde pública clássica.

Notadamente, há uma diferença na visão que saúde pública e saúde coletiva têm do processo saúde-doença. A segunda foi criada como uma área ou campo de pesquisa que contempla, em maior grau, a interseção de saberes.

Considerando esse enfoque interdisciplinar, que permite a reprodução e a compreensão do conhecimento a partir do ponto de vista de profissionais de diferentes áreas de atuação, queremos entender como foram elaborados e publicados os textos 'Ucrânia, tuberculose, HIV, Covid' e 'A Herança' mostra de forma linda que saúde dos homens gays vai além do HIV'. As publicações alcançam limites que vão além do universo médico? Os divulgadores ultrapassam as fronteiras dos sinais e sintomas e estendem seus olhares, extrapolando o quesito biológico?

O *site* Drauzio Varella leva o nome do médico cancerologista e escritor Drauzio Varella, importante nome da área da saúde no Brasil. Varella dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer, em São Paulo, e foi um dos pioneiros, no Brasil, no tratamento do sarcoma de Kaposi, neoplasia angioproliferativa maligna, que atinge a pele e o tecido subcutâneo, e acomete pessoas imunodeprimidas, como aquelas com AIDS. Em 1986, sob a orientação do jornalista Fernando Vieira de Melo, liderou campanhas que visavam ao esclarecimento da população sobre a prevenção à AIDS, primeiro pela rádio Jovem Pan AM e, depois, pela 89 FM, de São Paulo. Na Rede Globo de televisão, o oncologista participou de quadros e séries do programa dominical Fantástico.

De todo o material publicado no *site* Drauzio Varella, um dos artigos selecionados foi 'Ucrânia, tuberculose, HIV, Covid', porque reúne, em um só texto, temas extremamente importantes na atualidade, como a pandemia da Covid-19 e a invasão russa à Ucrânia, além de tratar da epidemia de HIV/AIDS, assunto ainda de suma relevância.

O texto me chamou a atenção assim que com ele me deparei, pois é inusitada a combinação de objetos que, de pronto, apresenta ao leitor. É insólita a mistura de palavras que compõe o título, juntando o nome de um país a doenças infectocontagiosas; por isso, fiquei curioso e li o texto. A partir dele, me propus a escrever um artigo que nos permitisse compreender sua narrativa, contando com o auxílio da saúde coletiva.

Considero fundamental o traço interdisciplinar que a saúde coletiva carrega em sua essência, pois "Em nossos dias, o conhecimento interdisciplinar tem aparecido como uma espécie de panacéia vindo superar as estreitezas e a miopia do conhecimento

disciplinar ou indisciplinado" (JAPIASSU, 1994, n.p.). A compreensão da realidade, complexa, como tem se colocado diante de nós, requer que disciplinas dialoguem e busquem o escrutínio conjunto dos problemas, por vezes analisados por especialistas, que, isoladamente, não os conseguem entender, pois ultrapassam a capacidade de compreensão de um único indivíduo.

De lato, tem se tornado preocupante o estado lamentável do esfacelamento do saber. Por toda parte surge a exigência de, pelo menos, um diálogo ecumênico entre as várias disciplinas científicas. Porque ninguém mais parece entender ninguém. Mas esta exigência nada mais faz que revelar a situação patológica em que se encontra o saber. A especialização sem limites culminou numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico. Chegamos a um ponto que o especialista se reduz àquele que, à causa de saber cada vez mais sobre cada vez menos, termina por saber tudo sobre o nada (JAPIASSU, 1994, n.p.).

O saber tão fragmentado dificulta o estabelecimento de conexões entre matérias que aparentemente não se interligam, mas que, sim, têm muito em comum. É o caso do conflito armado na Ucrânia, da tuberculose e das epidemias de HIV/AIDS e da Covid-19.

Começando pelo binômio HIV/AIDS, vale recordar que, em junho de 1981, o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos relatou os primeiros casos de uma enfermidade desconhecida até então. De acordo com Lopes (2019), em 1982, ela recebeu o nome provisório de ‘Doença dos 5 H’, em razão de casos identificados em homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e prostitutas (*hookers*, em inglês). A doença foi nomeada, em definitivo, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA, em espanhol, ou AIDS, na sigla em inglês).

Em razão da importância assumida pela moléstia, causadora de milhões de mortes, a imprensa não se mostrou indiferente à pandemia a ela associada. Segundo Spink (2001), em 30 de outubro de 1985, o jornal francês *Le Figaro* publicava: “A AIDS é a primeira doença da mídia”, frase que comprovava a ampla cobertura dada pelos veículos de comunicação à propagação da infecção sexualmente transmissível, e evidenciava a construção de um novo fenômeno social: a AIDS-notícia. A autora acrescenta que “de setembro de 1987 a dezembro de 1996, a Folha de São Paulo publicou 7.074 matérias que, de alguma forma, faziam referência à AIDS; ou seja, ao longo de nove anos, foi publicada uma média de duas matérias por dia.” (SPINK, 2001, p. 852).

Mais de três décadas depois, em 31 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, informou-se sobre certos casos de pneumonia de etiologia desconhecida, cujo surto foi vinculado a um mercado de frutos do mar e animais vivos. Segundo Zhu et al

(2020), o agente etiológico envolvido no surto era um novo coronavírus, o SARS-Cov-2, e a doença por ele causada recebeu a denominação de Covid-19 em referência ao tipo de vírus (do inglês, *Coronavirus disease*) e ao ano de início da epidemia (2019), que logo tornou-se uma pandemia.

Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia invadiu o território ucraniano, levando a um conflito que, segundo Loureiro (2022), tem origem no fim da Guerra Fria, ficando mais claro quando a Ucrânia tornou-se independente da antiga União Soviética, em dezembro de 1991.

A razão dessa tensão estrutural no relacionamento entre lideranças ucranianas e russas, mesmo entre aquelas inicialmente mais inclinadas a dialogar com Moscou, está na divergência estrutural sobre o status da Ucrânia enquanto país: nenhum presidente ucraniano mostrou-se russófilo o suficiente a ponto de aceitar o que era entendido como uma naturalidade por Moscou – uma Ucrânia sob hegemonia moscovita incontestável. Daí o porquê de a relação entre Rússia e Ucrânia ter sido marcada, desde os momentos iniciais pós-independência de Kiev, por uma espiral do dilema de segurança. Ações russas no sentido de limitar, constranger ou ameaçar a integridade e soberania ucranianas tendiam a produzir impulsos de aproximação de Kiev ao Ocidente, seja junto à União Europeia, seja, sobretudo, junto à OTAN – a aliança militar norte-americana criada no início da Guerra Fria, em 1949. (LOUREIRO, 2022, p. 4).

Assim sendo, sob a ótica da Rússia, interessa recuperar o controle da Ucrânia, encarada como território a ser reconquistado. Por outro lado, os ucranianos entendem que a manutenção da independência consolida a autodeterminação política, obtida há pouco mais de trinta anos. Diante de tal panorama, observamos que no texto publicado em 11 de abril de 2022, escolhido como parte do material empírico deste artigo, Drauzio Varella relata que "A invasão da Ucrânia traz preocupação em relação ao controle de doenças como a covid, pois guerras e epidemias costumam andar juntas" (2022, n.p.), explicando o motivo pelo qual resolveu escrever sobre questões que podem, *a priori*, parecer desconexas, já que muito do que se fala sobre conflitos armados diz respeito às munições usadas, à violência, à tomada de territórios e ao deslocamento de pessoas, mas pouco ou quase nada se relata sobre doenças. Entretanto, nesse caso, há muito mais do que tanques e soldados, e muito podemos entender sobre o processo saúde-doença quando estamos diante de uma guerra.

Epidemias são um dos horrores das guerras. A invasão russa da Ucrânia não é exceção. As imagens de pessoas refugiadas em abrigos subterrâneos e estações de metrô, sem acesso à água corrente e às medidas básicas de higiene, mostram os riscos de disseminação de doenças infecciosas que elas correm (VARELLA, 2022, n.p.).

O cancerologista afirma que os feridos que superlotam os hospitais e exigem a atenção das equipes de saúde, comprometendo os programas de tratamento de doenças crônicas, dificultam o atendimento dos casos de emergências clínicas e inviabilizam os programas de vacinação.

A guerra foi deflagrada no fim de fevereiro, quando a onda de casos de **covid** causados pela variante **Ômicron** começava a refluir, depois de ter atingido o pico no início daquele mês. A invasão tornou inoperante o programa ucraniano de imunizações e inviabilizou as testagens em massa. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os índices de vacinação no país estão muito baixos. Na capital Kiev, ficam ao redor de 65%, mas em algumas cidades do interior mal atingem 20% (VARELLA, 2022, n. p.).

No trecho acima, Varella (2022) coloca em negrito as palavras 'covid' e 'Ômicron', tornando-as *links*, que podem ser classificados como embutidos, intratextuais e narrativos, pois permitem ao leitor navegar pelo próprio *site* Drauzio Varella, obtendo mais informações sobre a Covid-19 e uma de suas variantes. O médico amplia sua análise incluindo duas outras doenças: o sarampo e a poliomielite. Ele aponta que "A mesma dificuldade em vacinar contra a covid tem preocupado a OMS por causa da **poliomielite**, do **sarampo** e de outras doenças transmissíveis, num país em que a descrença na eficácia das vacinas já era problema antes da guerra" (VARELLA, 2022, n. p.). De novo, o escritor recorre à criação de *links* embutidos e intratextuais para permitir que o leitor navegue pelo *site*, em busca de mais conteúdo sobre as doenças por ele citadas: sarampo e poliomielite são grafadas em negrito e, ao clicar nelas, somos levados a dois textos, que explicam o que são essas enfermidades, quais são seus sinais e sintomas, como se faz o diagnóstico e o tratamento delas, e o papel da vacinação na profilaxia.

A queda nos índices de vacinação contra o sarampo e o surto que começou no país em 2017 – e que até 2020 já havia provocado 115 mil casos – são outra ameaça. Com esforço, os serviços de saúde tinham conseguido imunizar até 82% da população, número alto, mas que não consegue impedir a disseminação de um vírus tão contagioso quanto esse. Na cidade sitiada de Kharkiv, em que a cobertura vacinal está abaixo de 50%, os habitantes se deslocam para lugares mais seguros, levando com eles o risco de surtos epidêmicos. (VARELLA, 2022, n. p.).

A seguir, Drauzio Varella trata da tuberculose e da epidemia de HIV/AIDS, lançando mão do hipertexto, de novo, já que define como *links* internos as palavras 'tuberculose' e 'HIV'. O médico destaca a associação entre a tuberculose e a infecção pelo HIV, lembrando que a primeira é transmitida por meio de gotículas de saliva, eliminadas quando um paciente doente tosse. Em meio à guerra, aglomerações humanas são comuns,

já que as pessoas buscam, juntas, abrigar-se de ataques aéreos, por exemplo. E nos ambientes repletos de indivíduos, fica mais fácil a disseminação de agentes infecciosos, como o bacilo de Koch, causador da tuberculose.

Em artigo publicado na “Nature”, Leslie Roberts lembra que a Ucrânia tem uma das mais altas taxas de incidência de **tuberculose** resistente a múltiplas drogas, um dos maiores desafios do combate à doença no mundo inteiro. Para complicar, 22% dos pacientes com tuberculose ativa também convivem com o **HIV**. Tuberculose é a principal causa de morte em pacientes HIV-positivos, no país. Enquanto o HIV é transmitido principalmente nas relações sexuais e no compartilhamento de seringas e agulhas infectadas, o bacilo da tuberculose se espalha por meio das gotículas eliminadas pela tosse e pela respiração, infectando especialmente os que vivem em ambientes insalubres com aglomerações. (VARELLA, 2022, n. p.).

Por fim, Drauzio faz uma pergunta: "Numa situação em que as pessoas são obrigadas a abandonar suas casas, como aderir a tratamentos que exigem medicação diária para evitar recaídas, como na tuberculose e na **aids**?" (VARELLA, 2022, n. p.). A palavra AIDS está em destaque porque é o *link* que conduz ao texto que explica o que vem a ser a doença causada pelo HIV.

Em 'A Herança' mostra de forma linda que saúde dos homens gays vai além do HIV', segundo texto que nos serve de fonte documental, Ricardo Vasconcelos (2023) também aborda o HIV/AIDS, temática igualmente significativa quando o assunto é saúde, sobretudo porque dá margem a discussões que envolvem não só o componente médico da questão, mas também os elementos relativos à dimensão social que ela pode alcançar. Na publicação de 24 de março de 2023, o médico trata da peça teatral 'A Herança', que tem Reynaldo Gianecchini, Bruno Fagundes e mais dez atores no elenco.

"A Herança" até agora fez sucesso por onde passou e conseguiu se destacar entre as várias obras do gênero por diversos motivos, mas o que me chamou a atenção foram três pontos: o momento em que a trama acontece, o ritmo do texto e o enfoque escolhido para abordar a saúde dos personagens. (VASCONCELOS, 2023, n.p.).

Vasconcelos (2023) destaca o fato de a trama da peça se passar nos tempos atuais e não no início da epidemia, nos anos 1980. Isso, segundo o infectologista, não só aproxima o tema dos espectadores, como permite que a obra teatral contribua para a educação em saúde, já que ensina a plateia que, na prevenção combinada ao HIV, a camisinha não está sozinha. E o médico não se limita a essa observação. Ele tece comentários sobre o desempenho dos atores e a respeito dos diálogos travados por eles:

Os 12 atores que compõem o elenco se desdobram de maneira primorosa em diversos personagens na apresentação das 89 cenas da peça, não deixando em nenhum momento o interesse pela história cair. O fluxo intenso dos diálogos ajuda bastante nessa tarefa, deixando a peça jovem, atual, interessante e acessível até mesmo para aqueles que só iriam nascer muito depois do início da epidemia de HIV. (VASCONCELOS, 2023, n.p.).

Ricardo Vasconcelos aponta ainda que a peça deixa claro que a saúde integral dos *gays* não se restringe ao HIV/AIDS. A obra, relata o infectologista, mostra que temas como relacionamentos, família, envelhecimento, solidão, saúde mental ou abuso de álcool e outras substâncias são questões importantes na vida dos homossexuais, assim como no dia a dia do restante da população.

Vasconcelos usa como *link* a expressão HIV/AIDS, logo no primeiro parágrafo do texto, permitindo que o leitor acesse uma publicação de 2018, que não integra a sua coluna, mas que está igualmente albergada no UOL e tem como tema a AIDS. Nessa matéria jornalística, intitulada 'Aids: sintomas iniciais da infecção por HIV podem ser confundidos com gripe', Tatiana Pronin escreve sobre história, sinais e sintomas, prevenção e diagnóstico da infecção pelo HIV e da AIDS.

3. DISCUSSÃO

Drauzio Varella consegue comunicar-se com seus leitores por meio de linguagem simples; pouco recorre aos termos excessivamente técnicos e preocupa-se em manter os laços com as ciências humanas e sociais em saúde, campo do saber que integra a saúde coletiva. Percebemos isso quando o médico reforça que os refugiados da guerra têm que deixar suas casas, o que torna quase impossível manter o tratamento de doenças crônicas, que exigem o uso diário de medicamentos, como o são a tuberculose e a AIDS.

O cancerologista demonstra interesse em entender questões biomédicas a partir de um olhar diversificado, plural (o fato de associar questões sociais e geopolíticas à discussão de enfermidades demonstra isso), apesar de não usar em seu texto a contribuição direta de outros profissionais. Varella poderia simplesmente escrever sobre os sinais e sintomas da Covid-19 ou da poliomielite, sem estabelecer conexões entre as doenças e a tragédia social que resulta de uma guerra, mas ele não só ressalta os elos entre as moléstias e a invasão do território ucraniano, como estabelece conexões entre diversas infecções. Drauzio trata de doenças comuns da infância - sarampo e poliomielite -, de uma infecção sexualmente transmissível, o HIV/AIDS, de uma virose respiratória que

pode tornar-se uma uma grave doença sistêmica, a Covid, e de uma moléstia bacteriana, a tuberculose, que pode acometer outros sistemas orgânicos, além do respiratório.

Repito que sinto falta da participação de outros profissionais, como um cientista político, um especialista em assuntos internacionais ou um geógrafo, que, certamente, teriam contribuições a dar ao texto produzido por Drauzio Varella, pois falariam de geopolítica, dos interesses russos no território ucraniano e da disputa de poder entre a OTAN, Organização do Tratado do Atlântico Norte, e a Rússia. Um infectologista também ajudaria a enriquecer o debate, já que o artigo de Varella tem como mote algumas doenças infectocontagiosas.

Apesar dessas ausências, observamos que Drauzio Varella não se atém à visão biomédica tradicional, calcada nos aspectos biológicos e físicos, agregando outros elementos à discussão do processo saúde-doença, e ampliando as fronteiras da divulgação científica em saúde.

Ricardo Vasconcelos consegue comunicar-se com seus leitores por meio de linguagem igualmente singela; o infectologista também preocupa-se em manter-se próximo às ciências humanas e sociais em saúde, o que torna-se indubitável quando usa a arte (as artes cênicas, uma peça de teatro) para reafirmar que a saúde de *gays* precisa ser compreendida com a noção de que não somente o binômio HIV/AIDS deve despertar interesse quando se fala da saúde dessas pessoas. O divulgador científico aponta relacionamentos amorosos, a convivência familiar e o envelhecimento como alguns dos temas relevantes para os *gays* quando o processo saúde-doença está em discussão.

Observamos, então, que Vasconcelos não se atém à visão biomédica tradicional, assentada nos aspectos biológicos e físicos. O olhar do médico amplia-se e se vale de outras formas de se enxergar o adoecimento e o conceito de saúde para construir a narrativa.

Em ambas as publicações de divulgação científica por nós usadas, a apresentação das informações é organizada de tal maneira que o leitor tem liberdade de escolher mais de um caminho, pois alguma palavra ou expressão é destacada e, quando acionada por meio de um clique, provoca a exibição de um novo texto com informações relativas ao referido elemento. Haja vista o que encontramos, por exemplo, no texto em que Drauzio Varella destaca palavras como 'covid' e 'Ômicron', tornando-as *links*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante repensar o papel da divulgação da informação na construção da cidadania. De que forma é possível oferecer ao público leigo informações sobre saúde, estimulando a construção crítica do conhecimento, e, ao mesmo tempo, encarando o processo saúde-doença como algo que extrapola os fenômenos biológicos?

A saúde é um tema de múltiplas facetas e é necessário encarar o processo saúde-doença usando não somente os elementos biomédicos, mas valorizando os aspectos sociais, econômicos, políticos e ambientais, diante de vários campos disciplinares. Sociólogos, cientistas políticos, historiadores, economistas e tantos outros profissionais podem contribuir para discussões acerca da saúde, na dependência da doença ou do agravamento à saúde sobre o qual se fala.

Drauzio Varella e Ricardo Vasconcelos dão mostras de que é possível falar de saúde, doença, prevenção e tratamento de uma maneira ampla, interdisciplinar e, portanto, vinculada aos princípios que dão sustentação à saúde coletiva. E o fazem estabelecendo um padrão crítico-informativo, já que os textos publicados pelo oncologista e pelo infectologista recorrem a elementos que viabilizam uma discussão interdisciplinar. Entretanto, para aperfeiçoar isso, é preciso contar com a participação de outros profissionais (da própria área da saúde, mas também da comunicação e de outros campos do saber). Ademais, pensar no público leitor é fundamental: faz-se indispensável facilitar a compreensão do que se escreve, dispensando especial atenção à linguagem, atentando para as analogias estabelecidas, para a construção e o tamanho das sentenças e para o uso excessivo de vocábulos do jargão médico.

A produção discursiva de Varella e Vasconcelos ultrapassa os limites biomédicos e mostra que é possível simplificar a divulgação científica em saúde, sem que, contudo, perca-se de vista a comunhão de saberes, a interdisciplinaridade e o componente social do processo saúde-doença. Essas conclusões a que chegamos mostram que a academia e a sociedade podem estreitar laços, permitindo a democratização do conhecimento por intermédio de conteúdo de fácil compreensão para pessoas que não possuem qualquer formação acadêmica. Acreditamos que a aproximação entre a ciência e a população é capaz de fortalecer intelectualmente os indivíduos, que se tornam menos suscetíveis à dominação política, ideológica e cultural.

Após tais ponderações, faz-se necessário apontar que futuros trabalhos podem ser elaborados a partir da análise de um número maior de textos de divulgação científica em

saúde, de modo a abarcar um universo mais amplo de escritos e de temas. E uma amostragem maior nos permitirá avaliar, de maneira mais minuciosa, a linguagem usada na apresentação do conteúdo e a construção do discurso nele contido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de. Prefácio. In: LUIZ, Olinda do Carmo. **Ciência e risco à saúde nos jornais diários**. São Paulo: Annablume; São Bernardo do Campo: Cescos, 2006. p. 11-16.

BIRMAN, Joel. A Physis da Saúde Coletiva. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, v. 15, supl., p. 11-16, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a02.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/6585/6761>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 31 - 42, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583/6763>. Acesso em: 17 ago. 2020.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123200000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 ago. 2020.

CUNHA, Márcia Borin da. **Concepções de ciência no jornalismo: uma análise da divulgação científica em jornais**. Disponível em: <https://www5.unioeste.br/portalunioeste/images/files/Administrator/PlanetaPlutao.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DALMASO, Silvana Copetti; MIELNICZUK Luciana Pellin. Hipertexto e linkagem: apontamentos sobre aspectos constituintes de uma linguagem digital. In: PERUZZOLO, Adair; MAGGIONE, Fabiano; WOTTRICH, Laura; PERSIGO, Patrícia. (Org.). **Práticas e discursos midiáticos: representação, sociedade e tecnologia**. 1ed.Santa Maria: FACOS, 2012, v. 1, p. 237-258. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/LII_Luciana.pdf. Acesso em: 21 ago 2020.

DRAUZIO VARELLA. **Drauzio Varella**. [S.l.]. Portal Drauzio Varella, 2022. Disponível em: <https://drauzioarella.uol.com.br/drauzio/artigos/ucrania-tuberculose-hiv-covid-artigo/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

HILTON JAPIASSU. **Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias**. Duque de Caxias - RJ: SME Duque de Caxias, 1994. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnkcbpcbjpcglclefindmkaj/http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/need/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/interdisciplinaridade-japiassu.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Saude Soc.**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 95-103, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902002000100010&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 18 ago. 2020.

LOPES, Pablo de Oliveira. **Jornalismo e reprodução de estereótipos: HIV/AIDS e homossexuais no Brasil na década de 1980**. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Ciências Humanas, Universidade Santo Amaro, São Paulo.

LOUREIRO, Felipe. A guerra na Ucrânia : significados e perspectivas. **CEBRI-Revista**, Rio de Janeiro , 2022. 2764-7897. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/27/a-guerra-na-ucrania-significados-e-perspectivas>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. 246 folhas. (Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Culturas Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Luciana-Mielniczuk.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde Coletiva: História de uma Ideia e de um Conceito. **Saúde e Sociedade**, v. 3, n. 2, p. 5-21, 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010412901994000200002&script=sci_abstract. Acesso em: 20 ago 2020.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde Coletiva: História e Paradigmas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 2, n.3, p. 107-116, ago. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831998000200008. Acesso em: 20 ago. 2020.

PIRES, Edina da Conceição Rodrigues *et al.* Instagram como ferramenta informativa do projeto Ciência News . **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v. 26, n. 03, p. 395-409, set/dez. 2022. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/8732/4290>. Acesso em: 2 jul. 2023.

PORTO, Cristiane de Magalhães. **Internet e comunicação científica no Brasil: Quais impactos? Quais mudanças?** Salvador: EDUFBA, 2012.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/webrings.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RICARDO VASCONCELOS. **VivaBem UOL**. 'A Herança' mostra de forma linda que saúde dos homens gays vai além do HIV. [S.l.]. UOL, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/rico-vasconcelos/2023/03/24/a-heranca-mostra-de-forma-linda-que-saude-dos-homens-gays-vai-alem-do-hiv.htm>. Acesso em: 2 jul. 2023.

SILVEIRA, Mauro César; SANDRINI, Rafaela. Divulgação científica por meio de blogs: desafios e possibilidades para jornalistas e cientistas. **Intexto**, Porto Alegre, n. 31, p. 112-124, dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/41728/32202>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SPINK, Mary Jane. et al. A construção da AIDS-notícia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, jul./ago. 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mary_Spink/publication/26359601_A_construcao_da_AIDS-noticia/links/540f63d90cf2f2b29a3ddd9e.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

TATIANA PRONIN. **VivaBem UOL**. Aids: sintomas iniciais da infecção por HIV podem ser confundidos com gripe. [S.l.]. UOL, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/12/04/aids-sintomas-iniciais-da-infeccao-por-hiv-podem-ser-confundidos-com-gripe.htm>. Acesso em: 2 jul. 2023.

VOGT, Carlos Alberto. et al. SAPO (Science Authomatic Press Observer): construindo um barômetro da ciência e tecnologia na mídia. In: VOGT, Carlos Alberto (Org.). **Cultura Científica: desafios**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 84-130.

ZHU, Na. et al. A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019. **N Engl J Med**, v. 382, n. 8, p. 727-733, fev. 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2001017>. Acesso em: 18 ago. 2020.